

Sarney

O conteúdo do discurso que o presidente José Sarney pronunciou em Punta Del Este, por ocasião da abertura da reunião do "Grupo dos Oito", não escapou do lugar comum. Teve como tópicos principais a dívida externa dos países latino-americanos, as represálias comerciais norte-americanas e uma abordagem da questão ecológica dentro da discutível visão terceiomundista, segundo a qual "a maior poluição é a pobreza" ou "se os países desenvolvidos devastaram seus territórios temos o mesmo direito".

Mas foi sem dúvida alguma quanto à forma que esse discurso presidencial causou a maior estranheza. Sarney falou num horrível *maranhol-portunhol* com sotaque maranhense — de ferir os ouvidos tanto dos que falam castelhano como dos que falam português. Não residiu aí, contudo, a grande *gaffe* do presidente. A questão é de outra ordem: nas relações internacionais há um princípio elementar segundo o qual um chefe de Estado ou governo, nos encontros com colegas de outras nações, tem que falar sempre

## A forma e o tom

30 OUT 1988

em sua própria língua, principalmente em pronunciamentos públicos. Pois essa é uma maneira de ele valorizar a própria língua e conseqüentemente o próprio país, não o colocando em situação de inferioridade em relação a quaisquer outros. Se o presidente da França, por exemplo, quando visita a rainha da Inglaterra fala sempre (principalmente em público) em francês, não é por não saber falar inglês. É evidente também que, no que diz respeito à comunicação propriamente dita, os encontros internacionais são resolvidos com os aperfeiçoados processos de tradução simultânea — o que só funciona, é claro, com línguas existentes e não *mêlanges* idiomáticas do tipo *maranhol*, que deve ter deixado os interlocutores de Sarney *a quo*.

Parece que os assessores platinos e/ou itamaratyanos se esqueceram de explicar esses pormenores protocolares ao presidente da República, o que teria poupado s. exa. daquela hilariante exibição de pseudodotes de poliglota, transmitida ao vivo e em cores para a Nação...

E aqui temos a parte verdadeiramente surrealista desse episódio: jamais se viu em tempo algum e em lugar algum uma transmissão, em cadeia nacional de veículos de comunicação eletrônica de massas, de mensagem em *língua estrangeira* (e o *maranhol* certamente não é um dialeto nacional). Isso só seria imaginável em países ocupados por forças estrangeiras! Pois bem. O discurso do presidente Sarney foi transmitido por cadeia nacional de rádio e televisão durante nada menos do que 22 minutos. Parece que com isso se pretendeu mostrar a "versatilidade" cultural de nosso presidente da República, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras. Na verdade, tal demonstração pareceu mais com a daquelas festas bem interioranas, cujo ponto alto é a exibição que os donos da casa fazem de seus dotes musicais, cantando invariavelmente "Granada"...

Trata-se de um tipo de provincianismo bem próprio de colonizados: o que considera que somos "desentendidos" por outros povos já por nossas limitações lingüísticas, razão por que só poderemos

nos comunicar com estrangeiros falando em língua estrangeira. Talvez tivesse faltado ao presidente, nesse episódio, uma certa dose de nacionalismo no bom sentido — porque no outro até sou-  
brou.

Já que nos referimos só de passagem ao conteúdo para examinar mais a forma do discurso presidencial de Punta Del Este, caberia mencionar o *tom* do pronunciamento de Sarney: um tom muito semelhante ao que antigamente usavam os governantes latino-americanos, com pinceladas de emocionalidade dramática que nos fazem antever os acordes bombásticos de um *bandoneon*. Só que não é mais assim que falam os atuais governantes latino-americanos — pelo menos os eleitos. Também sob este aspecto as assessorias deixaram de esclarecer o presidente.

Enfim, não foi com essa exibição de "versatilidade" poliglótica que o presidente José Sarney melhorou seus índices de popularidade ou, perante o povo brasileiro, chegou mais próximo d'*el dia en que me quieras*...